

# Quatuor Béla

Cem anos do nascimento  
de György Ligeti



**14 out 23**

**14 out 23** SÁBADO 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## Quatuor Béla

**Frédéric Aurier** Violino

**Julien Dieudégard** Violino

**Paul-Julian Quillier** Viola

**Luc Dedreuil** Violoncelo

### **György Ligeti**

Quarteto para Cordas n.º 1,  
*Metamorfoses noturnas*

c. 22 min.

### **Conlon Nancarrow**

Quarteto para Cordas n.º 1

c. 12 min.

1. *Allegro molto*
2. *Andante moderato*
3. *Prestissimo*

### **György Ligeti**

Quarteto para Cordas n.º 2

c. 21 min.

1. *Allegro nervoso*
2. *Sostenuto, molto calmo*
3. *Come un meccanismo di precisione*
4. *Presto furioso, brutale, tumultuoso*
5. *Allegro con delicatezza*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 60 min.  
CONCERTO SEM INTERVALO

# György Ligeti

(Diciosânmartin, 1923 – Viena, 2006)

De entre a vanguarda musical surgida do pós-II Guerra Mundial, os dois quartetos para cordas de György Ligeti foram, nesse género musical específico, os que mais rapidamente atingiram o estatuto de “clássicos da Modernidade”. Perfilando-se na descendência direta dos seis quartetos de Béla Bartók, eles situam-se em momentos muito particulares da vida, carreira e evolução criativa de Ligeti: o primeiro, de 1953-54, pertence ao seu “período húngaro”, a que o próprio chamava de “pré-histórico”;

ao passo que o segundo, de 1968, se coloca na fase final da exploração da técnica da micropolifonia pela qual primeiro se afirmou internacionalmente. Com duas criações de tal calibre, dir-se-ia que Ligeti continuaria a explorar a escrita para quarteto de cordas, e ela continuou de facto a interessá-lo – como o demonstrou a musicóloga Bianca Tiplea Temes (2012), a partir do espólio guardado na Fundação Paul Sacher (Basileia) –, mas nenhum outro quarteto seu veria a luz do dia.

## Quarteto para Cordas n.º 1, *Metamorfoses noturnas*

COMPOSIÇÃO 1953-1954

ESTREIA Viena, 8 de maio de 1958

DURAÇÃO c. 22 min.

O subtítulo *Metamorfoses noturnas* do Quarteto n.º 1 remete, por um lado, para a técnica de composição empregue na obra e, por outro lado, para a atmosfera (ou ambiente anímico) nela predominante. De facto, Ligeti utiliza nas 17 secções em que se articula este monobloco uma técnica de elaboração/transformação variada contínua, para a qual ele achou mais apropriado o termo “metamorfose” (na esteira de Hindemith). O ponto de partida é uma célula temática/motivo proveniente da mágica peça de Bartók “Sons da noite”, 4.ª do ciclo “Ao ar livre”, para piano (1926) – logo, também aí reforçando a conotação noturna. Na escrita e na linguagem, Ligeti assume

a herança bartókiana (cujos quartetos ele só conhecia da partitura, já que não se tocavam nem passavam na rádio da Hungria comunista), em particular os Quartetos 3 e 4. Tais obras, junto com a herança do Beethoven tardio – não só dos quartetos, mas também das “Variações Diabelli”, que Ligeti chamava de seu “ideal-sonho”) e aquela da 2.ª Escola de Viena (mormente, o Berg da “Suite Lírica”) formam o “caldo” musical de onde “saiu” este quarteto. Mas certas texturas instrumentais, nascidas da exploração do pancromatismo, que surgem primeiro fugazmente e, depois, mais perentoriamente, na penúltima secção e na coda, já deixam adivinhar a evolução

futura do seu estilo de escrita. Escrito conscientemente “para a gaveta” (dado o clima cultural na Hungria de então), o Quarteto n.º 1 seria estreado a 8 de maio de 1958. Entretanto, sobreviera a repressão violenta da Revolução

Húngara (novembro de 1956), que causou a emigração para o Ocidente de muitos milhares de húngaros, entre os quais György Ligeti e os integrantes do Quarteto Ramor, que assegurou a estreia da obra, no Musikverein de Viena.

## Quarteto para Cordas n.º 2

—

COMPOSIÇÃO 1968

ESTREIA Baden-Baden, 14 de dezembro de 1969

DURAÇÃO c. 21 min.

Embora assumidamente um homem/compositor novo face àquele que escrevera o Quarteto n.º 1, também no Quarteto n.º 2 é discernível a presença de Bartók – ninguém outro que Nancarrow, quando primeiro ouviu a obra, logo nela identificou “presenças” do Quarteto n.º 4 –, desde logo, a articulação em cinco andamentos, a recriação de uma “música noturna” (2.º and.), ou ainda a presença de um *Scherzo pizzicato* (3.º and.). Também o uso do pancromatismo é comum, mas aqui segundo uma técnica muito diferente, a que chamou “micropolifonia”, fruto do contacto com a então nascente música

eletrónica e dos exemplos de Stockhausen e Boulez, que “casou” com o seu fascínio pela polifonia renascentista (franco-flamenga e pós-tridentina) e pela pintura de Cézanne. Ligeti fala, a propósito, de cada um dos andamentos como “uma realização diferenciada de como moldar estruturas de movimento feitas de feixes de vozes polirrítmicas” e de “tecidos, filigranas ressoantes, surgindo sob diversas roupagens”. Escrito entre fevereiro e agosto de 1968, o Quarteto n.º 2 seria estreado logo a 14 de dezembro desse ano, pelos seus dedicatários, o Quarteto LaSalle, em Baden-Baden.

# Conlon Nancarrow

(Texarkana, Arkansas, 1912 – Cidade do México, 1997)

## Quarteto para Cordas n.º 1

COMPOSIÇÃO c. 1945

DURAÇÃO c. 12 min.

Figura absolutamente singular na música do século XX, Conlon Nancarrow apenas adquiriu notoriedade internacional nos últimos 15 anos da sua vida. Isso deveu-se, em boa parte, ao empenho pessoal de György Ligeti em promover o seu nome e a sua obra na Europa e nos E.U.A., desde que conheceu a sua música, em 1980. Não demorou que o proclamasse “o maior compositor vivo”. Certo é que, logo no outono de 1982, Ligeti promoveu uma inédita digressão de Nancarrow na Europa, ocasião em que os dois por fim se conheceram, nascendo uma sincera amizade. Quando “aparece” na Europa, Nancarrow traz atrás de si mais de três décadas de dedicação a um único instrumento: a pianola mecânica. A convicção profunda de que apenas a pianola realizava os seus propósitos enquanto criador sonoro ficou eternizada em cerca de 60 composições (com raras exceções, todas se chamam *Study for player-piano*) para esse instrumento, não excedendo, no total, seis horas de música. De notar que aproximadamente dois terços delas usam uma notação gráfica idiossincrática ao autor e que a grande maioria (dada a complexidade) não é exequível por seres humanos. Apaixonado pelos parâmetros do ritmo, da métrica e do “tempo”/velocidade, foi nessas dimensões que Nancarrow centrou toda a sua obra,

erigindo uma “polifonia do tempo” única na história da música ocidental.

O Quarteto para Cordas n.º 1 antecede a descoberta da pianola. Não se consegue datá-lo com precisão, mas ele deverá ser de 1942 (ou, o mais tardar, de 1945), quando Nancarrow está já no México (fixa-se ali em 1940) e a sua composição terá sido animada pela presença no país do Quarteto Lehner, notável quarteto de cordas húngaro do período entre guerras que decidiu fixar-se no México a partir de 1941. Porém, por essa altura o quarteto perde o seu elemento-fundador (outono de 1942), substituindo-o pelo mexicano Higinio Ruvalcaba. Não se sabe se chegaram a estrear o Quarteto n.º 1, pelo que a primeira execução conhecida é de 20 de maio de 1982, pelo Quarteto de Saarbrücken, nessa cidade alemã. A primeira gravação é do Kronos Quartet, em 1985.

Estruturado em três andamentos, este Quarteto denota uma linguagem já original, se bem que em termos de forma e perfil temático acuse bastantes aproximações a modelos consagrados, logo, tendo algo de neoclássico. Assim, temos um 1.º andamento em tempo vivo, numa forma-sonata tratada com bastante liberdade e que convoca, quer Haydn,

quer Bartók; um 2.º andamento ao jeito de uma litania lenta, em textura de melodia acompanhada, construído como um espaçoso cânone, numa atmosfera só interrompida com a aparição de material mais distintamente “americano”; e um 3.º andamento que funde os caracteres de *Scherzino* e de *Rondó*, e ao qual Nancarrow infunde algumas explorações métricas e contrapontísticas (por vezes sugestivas do jazz) que prenunciam os *Studies* por vir.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

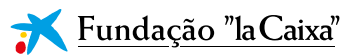
## Quatuor Béla

Após dezasseis anos de atividade, os músicos do Quatuor Béla, caracterizados como “enfants terribles du quatuor français”, definem um percurso singular, entre a tradição e a modernidade. Intimamente ligados ao repertório antigo para quarteto de cordas, que defendem no seio de programações clássicas de excelência, em França e no estrangeiro, (Philharmonie de Paris, Teatro Mariinsky, *BeethovenFest*), contribuem para a manutenção da tradição do quarteto de cordas no seio da vida musical contemporânea. Por outro lado, o seu intenso trabalho em torno de encomendas e estreias de novas obras foi distinguido em 2015 com o Prémio da Imprensa Musical Internacional. Este objetivo tem-se concretizado em colaboração com compositores de diferentes gerações como Francesca Verunelli, Misato Mochizuki, Noriko Baba, Kaija Saariaho, Philippe Leroux, Francesco Filidei, Benjamin de la Fuente, Jean-Pierre Drouet, François Sarhan, Daniel D’Adamo, Thierry Blondeau, Marco Stroppa, Jérôme Combier, Garth Knox,

Karl Naegelen, Frédéric Aurier, Robert Platz, Aurelio Edler-Copes ou Frédéric Pattar, entre outros.

É também com grande convicção, guiada pela personalidade e a obra de Béla Bartók, que o quarteto imagina encontros com personalidades ecléticas: “Si oui, oui. Sinon non”, com Albert Marcoeur; “Impressions d’Afrique” com Moriba Koïta; ou “Jadayel”, com os mestres palestinianos Ahmad Al Khatib e Youssef Hbeisch. Reconhecido pela sua “técnica diabólica” (*Télérama*) e pelo seu compromisso musical, o Quatuor Béla colocou-se também voluntariamente, nos últimos anos, ao serviço da música de compositores da Europa central do início do séc. XX como Janáček, Schulhoff, Krása, Bartók, Szymanowski ou Webern. A sua discografia foi distinguida pela crítica internacional, incluindo *ffff Télérama*, *Luister 10 Award*, *Gramophone Critic’s Choice Award*, *Prix Charles Cros* e ainda destaques especiais nas revistas *Diapason* e *Le Monde de la Musique*.

MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



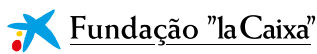
MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
VASP DPS

Lisboa,  
Outubro 2023

